

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO EM LINGUAGEM: UMA DISCUSSÃO ÉTICO-RESPONSÁVEL

LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA COMO ESPACIO DE FORMACIÓN DE LENGUAJE: UNA DISCUSIÓN ÉTICO-RESPONSABLE

THE UNIVERSITY OUTREACH AS A LANGUAGE EDUCATION SPACE: AN ETHICAL-RESPONSIBLE DISCUSSION



Larissa Picinato MAZUCHELLI¹
e-mail: larissa.mazuchelli@ufu.br



Marcus Vinicius Borges OLIVEIRA²
e-mail: marcus.oliveira.fono@gmail.com

Como referenciar este artigo:

MAZUCHELLI, L. P.; OLIVEIRA, M. V. B. A extensão universitária como espaço de formação em linguagem: Uma discussão ético-responsável. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023081, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v18iesp.1.18480>



| **Submetido em:** 22/03/2023
| **Revisões requeridas em:** 15/05/2023
| **Aprovado em:** 29/07/2023
| **Publicado em:** 19/09/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia – MG – Brasil. Professora Adjunta, Instituto de Letras e Linguística. Doutorado em Linguística.

² Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador – BA – Brasil. Professor Adjunto do Departamento de Fonoaudiologia. Doutorado em Linguística.

RESUMO: Este artigo discute a relevância do papel formativo das extensões universitárias, fundamentadas na dialogicidade e no engajamento com a sociedade, tendo como ponto de partida uma reflexão sobre as atividades de dois projetos de extensão: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) e o Observatório do Idadismo (UFBA/UFU). Enquanto o primeiro atua na reorganização linguístico-cognitiva de sujeitos cérebro-lesados, o segundo combate preconceitos e estigmatização com viés de idade, principalmente aqueles dirigidos à pessoa idosa. A partir das vivências relatadas e discutidas, defendemos que a extensão universitária pode ser espaço privilegiado para uma formação ético-responsável em linguagem, ainda que haja um longo caminho a ser percorrido para seu reconhecimento institucional. Destacamos, finalmente, que as experiências dialógicas e ético-responsáveis vivenciadas nas atividades extensionistas apontam para a importância da formação de profissionais engajados no enfrentamento de opressões, injustiças e preconceitos que operam por meio da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Envelhecimento. Extensão universitária. Formação em linguagem.

RESUMEN: Este artículo discute la relevancia del papel formativo de las extensiones universitarias, basado en la dialogicidad y el compromiso con la sociedad, teniendo como punto de partida una reflexión sobre las actividades de dos proyectos de extensión: el Centro de Vida de Afásicos (UNICAMP) y el Observatorio de la Edadismo (UFBA /UFU). Mientras que el primero opera en la reorganización cognitivo-lingüística de los sujetos con lesión cerebral, el segundo combate los prejuicios y la estigmatización con sesgo de edad, especialmente los dirigidos a los ancianos. Con base en las experiencias reportadas y discutidas, argumentamos que la extensión universitaria puede ser un espacio privilegiado para una formación éticamente responsable en idiomas, aunque queda un largo camino por recorrer para su reconocimiento institucional. Finalmente, destacamos que las experiencias dialógicas y éticamente responsables vividas en las actividades de extensión apuntan a la importancia de formar profesionales comprometidos en el enfrentamiento de la opresión, la injusticia y el prejuicio que operan a través del lenguaje.

PALABRAS CLAVE: Envejecimiento. Extensión universitária. Formación en lenguaje.

ABSTRACT: This paper discusses the relevance of the formative role of university outreach, based on dialogicity and engagement with society, having as a starting point a reflection on the activities of two outreach and engagement projects: the Center for People with Aphasia (UNICAMP) and the Observatory of Ageism (UFBA/UFU). While the first works with the cognitive-linguistic reorganization of brain-injured individuals, the second fights age bias prejudice and stigmatization, especially those aimed at older people. Based on the reported and discussed experiences, university outreach and engagement projects can be a privileged space for ethically responsible language education, even though much needs to be done in terms of institutional acknowledgement. Finally, we emphasize that the dialogical and ethically responsible experiences shared in outreach activities highlight the importance of forming professionals committed to facing oppression, injustice, and prejudice that operate through language.

KEYWORDS: Ag(e)ing. University outreach. Language education.

Introdução

Este texto objetiva refletir sobre espaços de formação em linguagem, sobretudo aqueles que, integrados com a pesquisa e ensino, contribuem para uma formação ético-responsável de seus participantes. Sem prescindir da compreensão da pluralidade linguística enquanto objeto de conhecimento, parte-se de sua heterogeneidade constitutiva como caminho formador, sem, contudo, ter o “domínio da língua” como horizonte de trabalho.

Para tratar de espaços de formação em linguagem, abordaremos dois projetos de extensão: o Centro de Convivência de Afásicos (doravante CCA) e o Observatório do Idadismo. Fundamentamo-nos teórica e metodologicamente nos trabalhos do Círculo de Bakhtin e de Paulo Freire e partimos da consideração do papel e da potência das extensões universitárias nos currículos da graduação, temática que vem ganhando destaque dado seu processo de curricularização³, mas que oferece riscos de esvaziamento das características fundamentais das atividades extensionistas.

Essa discussão também se justifica, portanto, dado o caráter ainda marginal da extensão quando comparada com a pesquisa e o ensino, o que reflete uma herança de formação que não ultrapassa as paredes da sala de aula, ou que “carrega” a sala de aula para a extensão, reduzindo-a, muitas vezes, a cursos “escolarizados” que mimetizam e reproduzem disciplinas oferecidas nas graduações e transformam a extensão em instrumento mecanicista e técnico de assistencialismo universitário. Acreditamos, ainda, que esse cenário responde, em parte, pela sensação de não pertencimento ao espaço universitário por muitos estudantes. É nesse sentido, também, que defendemos que as extensões têm natureza transformadora, especialmente quando se fundamentam em princípios ético-responsáveis e dialógicos que se afastam dessas práticas hierárquicas e assistencialistas.

Discutimos, também, sobre os espaços extensionistas neste trabalho em virtude de sua relevância em nossas trajetórias de formação e de pesquisa. Nossa reflexão fundamenta-se, assim, também em nossa vivência refletida e na compreensão da importância da possibilidade de diálogo entre a universidade e outros setores da sociedade e da interdisciplinaridade que daí deriva. A extensão, portanto, pode favorecer uma formação acadêmica ético-responsável que

³ De acordo com o Plano Nacional de Educação (2014-2024), aprovado pela Lei no 13.005, de 25 de junho de 2014, até o final de 2022, todos os cursos de graduação das universidades públicas brasileiras devem destinar, no mínimo, 10% de sua carga horária à extensão universitária.

implica politicamente a universidade no enfrentamento necessário de questões sociais urgentes, tais como as questões ambientais, étnico-raciais, de gênero e, particularmente para nós, etárias⁴.

Inicialmente, apresentamos o CCA, destacando sua história promissora de atuação com sujeitos cérebro-lesados para, em seguida, apresentar o Observatório do Idadismo, projeto criado em 2021 que busca discutir e enfrentar o preconceito de viés etário, principalmente contra a pessoa idosa. Finalmente, destacamos o entrelaçamento das ações desses espaços para uma formação ético-responsável em linguagem.

O Centro de Convivência de Afásicos: um projeto de enfrentamento da objetificação dos afásicos

O Centro de Convivência de Afásicos, criado na década de 1980 por pesquisadores do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem e do Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina, ambos da Universidade Estadual de Campinas, objetiva, desde sua fundação, possibilitar o “exercício vivo da linguagem” (COUDRY, 1997).

Os grupos⁵ que o constituem contam com o trabalho conjunto de sujeitos com afasia⁶ e alunos de graduação dos cursos de Linguística, Letras e Fonoaudiologia e da Pós-Graduação em Linguística, especialmente aqueles vinculados à linha de pesquisa em Neurolinguística, em reuniões semanais e atendimentos individuais. Nota-se, assim, o caráter interdisciplinar do CCA, como discutido por Novaes-Pinto e Lima (2016), uma vez que interagem linguistas, fonoaudiólogos, educadores, artistas (músicos, atores, artistas plásticos etc.).

Desde sua criação, o CCA tem como aporte a Neurolinguística Discursiva, que surge em 1986 com a tese de doutoramento de Maria Irma Hadler Coudry e fundamenta-se na compreensão de que o “trabalho com a linguagem” (FRANCHI, 2011[1977]) demanda “a mobilização de vários processos cognitivos⁷ envolvidos na atividade simbólica de processos de

⁴ Cabe ressaltar que os autores do texto são pesquisadores do Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias (GELEP-Plataforma CNPq/Lattes).

⁵ Em sua história de atuação, o CCA conta com três grupos coordenados por docentes do Departamento de Linguística. O Grupo I, sob a responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Edwiges Maria Morato; o Grupo II, sob a responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Maria Irma Hadler Coudry; e o Grupo III, sob a responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Rosana do Carmo Novaes Pinto.

⁶ Afasias são alterações de linguagem decorrentes de lesões neurológicas adquiridas, como acidentes vasculares cerebrais, tumores e traumatismos cranioencefálicos, que comprometem os processos de simbolização e significação, em todos os níveis linguísticos, ao desagregar o que anteriormente estava integrado (COUDRY, 1986 [1988]).

⁷ Destacamos que a cognição é “um conjunto de várias formas de conhecimento que não é totalizado ou subsumido na linguagem, mas que de alguma forma se encontra sob sua responsabilidade” (MORATO, 2004, p. 323). Nesse sentido, a Neurolinguística Discursiva e o CCA não trabalham a partir da premissa que toma o cérebro desconectado do corpo, de sua história particular e da humanidade. Distanciam-se, portanto, de metáforas que aproximam o cérebro a um computador ou a argumentos experimentais do tipo “brain in a vat”. Segundo Morato (1999, p. 160), “os processos cognitivos estão “como a linguagem, na dependência de práticas significativas,

significação, alterados nos sujeitos cérebro-lesados” (COUDRY, 1997, p. 13), ou seja, demanda o trabalho *com* e *na* linguagem e que envolvem a percepção, atenção e memória por ela estruturados.

Nota-se, assim, que o CCA se contrapõe a uma tendência de trabalho clínico com sujeitos cérebro-lesados que os objetiva ao se pautar em atividades reducionistas de linguagem, de caráter excessivamente abstrato, com inspiração fortemente escolar, presente nos manuais de avaliação e de terapia de linguagem. Em contrapartida, fundamentados em princípios discursivos, a avaliação e o trabalho de reorganização linguístico-cognitiva tornam-se, no CCA, “um registro amplo” dos processos de significação e do trabalho que os sujeitos realizam *com* e *na* linguagem. Ou seja, nas atividades desenvolvidas com os sujeitos afásicos, “a linguagem (mesmo fragmentária) se exhibe em toda sua complexidade, oferecendo visibilidade ao que está ou não alterado, ao que falta e ao que excede, em relação ao [seu] funcionamento normal” (COUDRY, 1997, p. 14).

A importância desse posicionamento frente às questões de linguagem e seus efeitos na formação serão discutidos adiante. Contudo, antes de aprofundar essa discussão, apresentamos o Observatório do Idadismo, trabalho que também se fundamenta em um posicionamento discursivo, histórico e dialógico frente às questões de linguagem.

O Observatório do Idadismo: um projeto de resposta à escalada de violência contra idosos

O idadismo é um fenômeno ainda pouco investigado, embora sua primeira referência date da década de 1960, com os trabalhos de Robert Butler nos Estados Unidos. De maneira geral, nos referimos ao idadismo (também conhecido no Brasil como *ageísmo* ou *etarismo*) ao tratarmos da discriminação, da violência e dos estereótipos que circulam com base na faixa etária (em especial contra os idosos) e que levam à marginalização e à exclusão social ou a sua acentuação, já que imperam em atitudes que entrelaçam condescendência e negligência. Esse preconceito se manifesta, portanto, nas relações interpessoais (no tratamento desrespeitoso, muitas vezes violento), de forma autodirigida (como ao se rejeitar seu próprio envelhecimento) e institucionalmente (demissão em decorrência da idade, por exemplo) e se entrelaça a outros marcadores sociais como racismo, sexismo, transfobia, aprofundando suas violências.

fundamentadas por contingências socioculturais, por propriedades do inconsciente e pela qualidade das interações humanas”.

Foi no ápice da pandemia de Covid-19, quando vivenciamos uma escalada⁸ de desrespeito, desprezo e violência aos idosos (responsabilizados pelos efeitos econômicos provocados pelas medidas de distanciamento social e pela sobrecarga no sistema de saúde⁹), que surge o Observatório do Idadismo como um Projeto de Extensão da Universidade Federal da Bahia, hoje também vinculado à Universidade Federal de Uberlândia. As atividades desenvolvidas estão dispostas em três eixos: i) monitoramento e discussão de notícias sobre envelhecimento e idadismo; ii) tradução, publicização e divulgação de material qualificado sobre idadismo; e iii) formação e enfrentamento do idadismo por meio de oficinas e rodas de conversa.

O trabalho realizado pelo Observatório do Idadismo também se fundamenta na compreensão da linguagem como historicamente situada e congrega a interdisciplinaridade. Seus membros são dos campos da Ciências Humanas, Educação e da Saúde, principalmente da Fonoaudiologia e da Linguística. No entanto, campos como da Sociologia, Antropologia, Gerontologia e Comunicação tornaram-se essenciais para o trabalho realizado, uma vez que pautam discussões fundamentais acerca do envelhecimento. Atualmente, o observatório conta com pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação, além de profissionais de saúde e educação, tornando sua integração com a formação de maneira ampla e transversal aos cursos de graduação.

Na próxima seção, discutimos como o trabalho realizado no CCA e no Observatório do Idadismo se entrelaçam em três dimensões: extensão universitária, formação em linguagem, e responsabilidade.

A extensão universitária: um espaço ético-responsável

O trabalho desenvolvido no CCA e no Observatório do Idadismo, brevemente apresentados anteriormente, se alinham aos princípios fundamentais da extensão universitária, já pactuados no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras em 1987:

⁸ Em um primeiro momento, o argumento etário para não se preocupar com a pandemia foi largamente utilizado pela mídia e nas redes sociais. Em um segundo momento, idosos foram infantilizados por não “compreenderem” a seriedade da crise sanitária, sendo referidos como “teimosos” em memes que circularam nas redes sociais (MAZUCHELLI *et al.*, 2021). Ao longo da pandemia, também testemunhamos o escândalo da Prevent Sênior, durante as investigações da CPI da Covid-19, em que médicos do plano de saúde diminuíram os níveis de oxigênio de pacientes idosos hospitalizados para “acelerar” a liberação de leitos.

⁹ A responsabilização do crescimento demográfico da população idosa pela sobrecarga no sistema econômico previdenciário e de saúde não é recente e foi abordada em trabalhos anteriores (MAZUCHELLI, 2019).

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/ prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (FORPROEX, 2012, p. 15).

A Política Nacional de Extensão destaca a importância da via de mão dupla, proporcionada pela atividade extensionista, que oxigena a universidade, por um lado, e aumenta a força transformadora da universidade no seu enfrentamento de desafios contemporâneos, por outro. Sobre essa relação, concordamos com Neto (2014, p. 93) quando afirma:

Ao se pensar a extensão universitária como trabalho social útil, vê-se que este trabalho não se exerce apenas a partir dos participantes da comunidade universitária, servidores e alunos. Na sua dialeticidade, exige dimensão externa à universidade, que é a participação de pessoas da comunidade ou mesmo de outras instituições da sociedade civil, como movimentos sociais. Está aí presente uma relação “biunívoca”, para onde os participantes da universidade e de outras instituições ou da comunidade confluem.

Nesse sentido, a extensão universitária deve rejeitar práticas verticalizadas que desconsideram os saberes populares e reafirmar seu caráter dialógico e historicamente situado, afastando-se, portanto, de um trabalho assistencialista, no qual, segundo Freire (2001), estaria a negação do sujeito e de sua agência. A extensão assistencialista – ou mesmo a prática pedagógica assistencialista – não atribui aos sujeitos a capacidade de “re-pensar” sua própria ação, “re-criar” seus pensamentos e realidade. A esse respeito, Freire (2001) é contundente em sua crítica a uma *certa* extensão:

Parece-nos [...] que a ação extensionista envolve [...] a necessidade que sentem aqueles que a fazem, de ir até a “outra parte do mundo”, considerada inferior, para, à sua maneira, “normalizá-la”. Para fazê-la mais ou menos semelhante a seu mundo. Daí que [...] o termo extensão se encontre em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc. E todos estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase “coisa”, o negam como um ser de transformação do mundo (FREIRE, 2001, p. 22).

Esse processo de objetificação do outro diz respeito às raízes antidemocráticas, ao “mutismo brasileiro”, pertencente à sociedade brasileira que, historicamente constituída na ausência de diálogo, nega uma experiência democrática autêntica (FREIRE, 1967). Ao se opor ao assistencialismo, à violência do seu antidiálogo que reduz os homens a objeto, Freire se aproxima de Bakhtin (2010) ao afirmar que, nas ciências humanas, o homem jamais deve ser estudado tal qual um objeto mudo, sob pena de invisibilizar justamente sua possibilidade de dizer.

Nos casos do CCA e do Observatório do Idadismo, as vivências e o trabalho desenvolvidos partem, assim, não de uma ideia escolarizada “desconectada da vida que se vive”, que fragmenta os saberes e fortalece impossibilidades de dizer. Distanciam-se, assim, do teorismo, de uma pretensão de universalização e dominação da língua, e partem da compreensão bakhtiniana de que a vivência remete a duas direções opostas: para a unidade objetiva de um campo da cultura e para a singularidade irrepitível da vida que se vive.

O ato deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir; deve encontrar a unidade de uma responsabilidade bidirecional, seja em relação ao seu conteúdo (responsabilidade especial), seja em relação ao seu existir (responsabilidade moral), de modo que a responsabilidade especial deve ser um momento incorporado de uma única e unitária responsabilidade moral. Somente assim se pode superar a perniciosa separação e a mútua impenetrabilidade entre cultura e vida (BAKHTIN, 2010, p. 43-44).

Essa responsabilidade bidirecional, que se responsabiliza pelo conteúdo e pelo existir a partir da inseparabilidade entre cultura e vida, que ocorre no ato e para a qual, portanto, não há alibi, fundamenta as ações desenvolvidas nos dois projetos de extensão, seja por meio de uma resposta àquilo que Coudry (1997) chamou de “dilema de enfrentar sujeitos ‘intratáveis’”, seja pelo enfrentamento do silenciamento que o idadismo confere às pessoas em processo de envelhecimento.

Nesse sentido, as atividades do CCA oferecem um tipo de encontro em que os sujeitos afásicos não são objetificados, retirados de sua agência e de sua capacidade de “(re)criar”; ou seja, seu saber de falante que está na língua(gem) e não a perdeu (como as discussões mais tradicionais ainda argumentam) é respeitado e valorizado. Dessa forma, o CCA se configura como um espaço ético-responsável em que os sujeitos com afasia podem (re)estabelecer laços sociais enquanto desenvolvem estratégias de enfrentamento dos impactos dos eventos neurológicos que não se restringem às alterações linguístico-cognitivas, mas abarcam exclusões

por preconceitos, sobretudo linguísticos, capacitistas e sociais (NOVAES-PINTO, 2008, 2015), muitos dos quais sustentados pela ignorância acerca do que seja a afasia¹⁰.

Além de uma questão de saúde, portanto, a afasia deve ser compreendida como uma questão social (NOVAES-PINTO, 2008). Nesse sentido, o CCA posiciona-se, historicamente, como um importante espaço de enfrentamento da patologização e do silenciamento desses sujeitos (NOVAES-PINTO, 2008, 2012) e de formação humanística para essa luta.

No caso do Observatório do Idadismo, as atividades oferecem outro tipo de encontro, uma vez que para o monitoramento midiático, os membros da extensão selecionam textos jornalísticos a partir da busca regular de palavras-chaves em que se investiga, a despeito da ausência do termo idadismo, movimentos discursivos e dialógicos em que a temática é subjacente. Com a discussão dos textos selecionados, os participantes, de áreas e faixas etárias distintas, (re)significam os discursos idadistas (seus e de outros) e, ao mesmo tempo, compreendem aspectos do funcionamento dos campos da comunicação, educação e saúde.

Os dois projetos de extensão possibilitam, ainda, colocar os estereótipos etários em questão, tanto em relação ao envelhecimento quanto à juventude. Muitos estudantes, principalmente da graduação, que estão em faixas etárias distantes dos idosos (bem como dos afásicos), têm a oportunidade de discutir intensamente sobre envelhecimento e sobre preconceitos etários vivenciados e perpetrados por eles. Nesse processo, passam, portanto, a melhor compreender a estruturalidade do idadismo na maneira como vivemos e a lutar por algo que também passa a ser deles. Há, aqui, o desenvolvimento daquilo que vimos chamando de *responsabilidade intergeracional* (OLIVEIRA; MAZUCHELLI, 2021), uma responsabilidade que, em termos bakhtinianos, não se dá em relação a gerações estanques, mas no reconhecimento de que as temporalidades se entrecruzam a todo momento e coexistem em cada indivíduo e em cada ato:

[...] respondemos não somente pelo que ocorre hoje, mas tanto pelo passado (e aqui lembramos da banalização do horror da ditadura, ou da escravidão) quanto pelo futuro (e aqui pensamos que as gerações futuras talvez não tenham uma terra habitável). Para os fins deste artigo, preferimos dizer que as gerações compartilham a dialogização de um tempo não compartimentalizado e cronometrado, de representação e projeção, que permite que os sujeitos estejam, ao mesmo tempo, coexistindo em diferentes gerações (OLIVEIRA; MAZUCHELLI, 2021, p. 41).

¹⁰ Via de regra, os afásicos são afastados de suas atividades profissionais e sociais, muitas vezes em fases ainda muito produtivas de suas vidas. Ainda hoje é frequente a crença de que os sujeitos com afasia sofreriam, sobretudo, de “problemas de raciocínio”, sendo vistos como incapazes, embora não apresentem, em geral, alterações cognitivas. Há, ainda, crenças de que a afasia seria resultado de perturbações espirituais.

A intensa circulação de dizeres e saberes, de caráter intergeracional, ocorre de forma não verticalizada nos dois projetos de extensão: sujeitos com afasia trabalham *com* e *na* linguagem para partilharem saberes e vivências com outros sujeitos com afasia, com pesquisadores, alunos de graduação e demais participantes do CCA, enquanto, no Observatório do Idadismo, alunos de graduação e pós-graduação compartilham saberes, vivências e angústias relacionadas ao envelhecimento, aos preconceitos etários observados ou experienciados, as resignificando. Isso contribui para o fortalecimento das trocas, aprendizagens e combate à objetificação do outro. No sentido exposto por Freire, não se busca “normalizar”, “invadir” ou “manipular”. Antes, busca-se (re)construir sentidos, coletiva e dialogicamente, sobre saúde, doença, normalidade, língua(gem), comunicação, envelhecimento, idadismo.

Em nossas experiências em ambos os projetos, pode-se dizer que sabemos como a conversa se iniciará (com as novidades e comentários sobre as dificuldades da semana e informes gerais, seja no CCA ou no Observatório do Idadismo), mas nunca sabemos como será sua finalização, se teremos ao final uma reafirmação de uma moral pré-construída de nossos saberes ou se seremos apresentados a outros conhecimentos, costurados na singularidade e alteridade dos encontros (BAKHTIN, 2010).

Consideramos, então, em via da discussão apresentada, que há um olhar ético-responsável que deve subsidiar a atividade extensionista, seja no enfrentamento do idadismo ou na defesa do direito ao dizer do sujeito afásico. Um aspecto que entrelaça essas duas dimensões, portanto, é a concepção e o trabalho realizado *na* e *com* a linguagem, sobre o qual discorreremos a seguir.

O trabalho *com* e *na* linguagem: experiências interdisciplinares

No CCA, observam-se práticas em que o caráter constitutivo da linguagem é valorizado, contrapondo-se a objetivos meramente instrumentais traduzidos em competências e habilidades a serem (re)aprendidas e dominadas. Assim, atividades da vida cotidiana atravessadas pela linguagem, tais como o café da manhã compartilhado, a leitura e discussão de notícias sobre o país e o mundo, os jogos, as comemorações festivas, as encenações, os passeios a outras cidades, as visitas a museus e exposições; ou seja, os encontros do “mundo da vida” (BAKHTIN, 2010) caracterizam o modo pelo qual a linguagem e os processos de significação vão sendo (re)elaborados, (re)criados nas vivências compartilhadas, em que afásicos e não afásicos trabalham colaborativamente para “retificar o vivido” que, “ao mesmo tempo constitui

o simbólico mediante o qual se opera com a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo” (FRANCHI, 2011 [1977], p. 64).

Vale destacar que, ainda que a linguagem esteja “fragmentada” na afasia, o trabalho realizado, nas sessões coletivas e individuais, exige que seja tratada em toda sua heterogeneidade e unicidade. Sendo assim, não há recortes que privilegiam “modelos” que representariam o “todo da linguagem”, trabalho que Bakhtin (2016) chama de “ficção científica”. Estudantes de graduação em Letras, Linguística e Fonoaudiologia participantes são convocados a olhar para a linguagem para além de seus possíveis recortes teóricos. A afasia e o trabalho no CCA demandam que se mobilizem conhecimentos das disciplinas que compõem seus currículos: saberes aprendidos sobre fonética e fonologia, sintaxe, semântica, pragmática, discurso (no caso específico dos estudantes de Letras e Linguística), voz, audiologia, motricidade orofacial, dentre outras (no caso específico dos estudantes de Fonoaudiologia). Assim, os participantes também aprendem no encontro com as outras áreas, seja compreendendo como uma análise semântico-lexical ajuda a explicar um caso de afasia, seja compreendendo a importância da hidratação para o cuidado da voz ou da promoção de saúde de forma mais ampla, não estritamente biomédica. Sem essa interdisciplinaridade e trabalho coletivo, a compreensão e a avaliação dos casos fica comprometida, assim como a elaboração para o enfrentamento das dificuldades linguísticas e sociais.

A título de exemplificação, trazemos um relato que mostra a complexidade da linguagem na afasia. Nele, o sujeito afásico, que apresenta constante dificuldade de encontrar palavras, e o interlocutor estavam conversando enquanto a sessão coletiva não iniciava até que percebe a falta de uma palavra que considerava importante. Vejamos o relato de diário do pesquisador sobre o processo de recuperação da palavra perdida:

Estávamos na sala do CCA. Tínhamos chegado por volta das 8:00 horas, um pouco mais cedo que o grupo. Chegamos, eu e FG, e começamos a montar todo o equipamento para a utilização do grupo. Enquanto isso, o Sr. AC ficou assoviando. Eu fiz uma brincadeira que o assovio parecia um papa-capim. Daí começamos a conversar sobre passarinhos, até que determinado momento ele me perguntou qual era o nome do passarinho que cantava o próprio nome. Ele me disse que sabia e que a palavra estava quase ali, na ponta-da-língua. Daí eu fiz uma suposição e perguntei se começava com B., mas ele disse que não. Logo depois eu assoviei o som do Bem-te-vi, mas ele disse “não é esse aí não”. Eu disse que sabia ainda outro passarinho que cantava o nome e assoviei o canto do fogo-pagou. Mas ele disse que não era esse aí também [...] mas o que ele sabia era um que ele via muito, quando era mais novo, mas que nunca mais tinha visto; parecia até que tinha desaparecido. Daí AC ficou reclamando da palavra, que ela não vinha, que ele esquecia os nomes quando queria... Depois de uns 20 minutos em que eu

continuei organizando a sala, eu pedi que ele assoviasse ou que dissesse uma letra, mas ele disse que não sabia. Logo após, ele disse “até parece que estou vendo ele ali no chão, fazendo [imita o som]... Curiango, ufa! Tem muito tempo que eu quero lembrar este nome !” (OLIVEIRA, 2022, p. 216).

Considerando os objetivos deste texto, não cabe procedermos à análise de dado¹¹, mas destacamos o trabalho *com* e *na* linguagem realizado pelos participantes que aparecem nesse relato e que é indissociável de suas trajetórias de vida, das ações cotidianas, dos pressupostos e suposições sobre a fala do outro, da organização semântico-lexical necessária para possibilitar a evocação de uma palavra e que evidencia a imbricada relação entre memória e linguagem. A busca pela palavra, realizada de maneira dialógica e colaborativa, vai muito além, portanto, de determinar “acertos” e “erros” pautados nas expectativas de materiais de “treinamento linguístico de evocação lexical”, por exemplo. Ela ainda se relaciona a uma escuta que é ativa, ponto central na relação com a palavra outra (PONZIO, 2010), e que implica se relacionar com as frustrações do processo e com a criação de caminhos para encontrar a palavra.

Os pressupostos epistemológicos que fundamentam as atividades do CCA oportunizam, portanto, aos sujeitos participantes, pesquisadores e alunos em formação, compreender o trabalho linguístico, metalinguístico e epilinguístico, o que possibilita o exercício de uma reflexão sobre o funcionamento da linguagem, que é primordial para uma atuação crítica na fonoaudiologia e nos contextos educacionais formais e informais.

No Observatório do Idadismo, o trabalho também demanda o entrelaçamento de saberes diversos, pressuposto no acompanhamento da multiplicidade de fios ideológicos que compõem os discursos e dos sentidos que na palavra estão sendo disputados. Este trabalho é fundamental se consideramos que “a palavra será o *indicador* mais sensível das *mudanças sociais*”, já que “é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que sejam” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106).

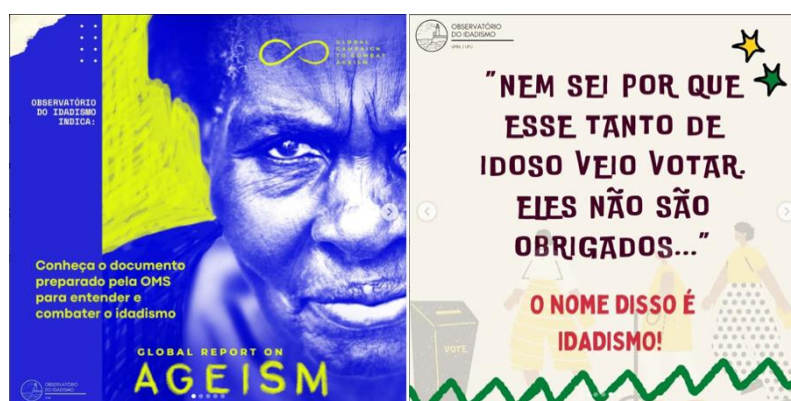
As discussões que ocorrem no Observatório do Idadismo, bem como as publicações nas redes sociais e as atividades de formação anti-idadistas já realizadas com profissionais da saúde, da educação e com grupos de idosos sustentam-se, assim, nesse trabalho *com* e *na* linguagem, nos encontros e nas disputas de sentidos.

A publicização de conhecimento qualificado sobre envelhecimento e idadismo, por exemplo, requer o exercício intenso de estudo, análise de dados, checagem de informações,

¹¹ O dado analisado encontra-se em Oliveira (2022). Vale destacar, ainda, como a busca pelo nome do pássaro prossegue, em sessões posteriores, com vídeos de pássaros cantando, conversas e jogos de adivinha sobre cantos de pássaros.

escrita e tradução intralingual, interlingual e intersemiótica (JAKOBSON, 1981) e compreensão dos gêneros discursivos de postagens nos perfis em redes sociais (Instagram, Facebook e Twitter). Destacamos a tradução do relatório produzido pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2021) em língua inglesa e adequado para as postagens em redes sociais (Fig.1) que apresentavam sínteses das discussões do observatório (Fig. 2).

Figuras 1 e 2 – Produções do Observatório do Idadismo



Fonte: Observatório do Idadismo

Esse trabalho demanda escolhas lexicais e discursivas estratégicas, posicionamentos frente a questões complexas, tradução de conceitos e composição de imagens, o que exige um processo constante de apuramento e adequação à heterogeneidade dos leitores e participantes das atividades. Todo esse trabalho requer e possibilita, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de escuta e alteridade; ou seja, de encontro com um outro – concreto, singular e, portanto, insubstituível – que parte do “reconhecimento da impossibilidade da não-indiferença pelo outro” em uma “ação responsável que exprime a unicidade do ser no mundo sem álibi” (PONZIO, 2010, p. 22-24).

Neste sentido, quanto mais mobilizamos e nos relacionamos com os gêneros, nessa arquitetura ética-responsável com a linguagem e com os sujeitos participantes,

maior é a desenvoltura com que os empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação – em suma, tanto mais plena é a forma com que realizamos nosso livre processo de discurso (BAKHTIN, 2016, p.41).

Além deste trabalho realizado com a publicização de material qualificado sobre o idadismo, ainda há o trabalho de linguagem na formação anti-idadista realizado por meio de oficinas e rodas de conversas.

Em uma roda de conversa com um grupo de idosas (majoritariamente feminino, como de praxe) na cidade de Salvador, realizamos uma atividade elaborada a partir do Multiletramento Engajado (LIBERALI, 2022), que se fundamenta nas propostas de Vygotsky e Freire e de confluências com a Pedagogia dos Multiletramentos (NEW LONDON GROUP, 1996 [2000]) na organização de práticas pedagógicas a partir da compreensão de que a educação deve construir modos de participação cada vez mais amplos para todos (LIBERALI *et al.*, 2021).

Os encontros motivados pelo ME são organizados em três momentos: um primeiro dedicado à *imersão na realidade*, em que se busca conexão cognitivo-afetiva com o tema a ser discutido; um segundo dedicado à *construção crítica de generalizações*, momento em que há aprofundamento da compreensão do tema e partilha de saberes; e, finalmente, um terceiro dedicado à *produção e mudança social*, em que se planejam ações de intervenção inspiradas nas aprendizagens dos momentos anteriores.

Inicialmente, como forma de *imersão na realidade*, foram realizadas duas encenações de situações baseadas em experiências vividas e observadas pelos membros do Observatório do Idadismo seguindo a proposta do Teatro do Oprimido (BOAL, 2019 [1975])¹², uma importante ferramenta pedagógica do ME. Na primeira encenação, uma idosa esperava na fila para votar enquanto mesários e demais eleitores reclamavam da demora e diziam que a fila estava grande por conta da lentidão dos idosos. Na segunda encenação, o gerente de um banco tratava de um empréstimo diretamente com a filha que acompanhava seu pai idoso para pegar um empréstimo, sem dar a devida atenção ao idoso que teria seu dinheiro retirado.

Nas duas situações encenadas, foi combinado com as idosas que elas poderiam interferir nas cenas caso não concordassem com o que assistiam, o que foi feito de forma muito expressiva: as idosas exigiram seus direitos tanto em relação ao voto quanto ao empréstimo, e questionaram a desumanização e velocidade do mundo contemporâneo, “*correndo muito para chegar em lugar nenhum*”, como afirmou uma das idosas em resposta à percepção de que não há espaço para “esperar” pelo outro (votar, entender como funcionaria um empréstimo, por exemplo).

Em momento posterior, foi realizada uma roda de conversa para explorar, coletivamente, a experiência vivenciada na *imersão na realidade* e aprofundar as compreensões sobre o

¹² A partir da década de 1970, Boal elabora um teatro comprometido com o enfrentamento da opressão. Uma de suas estratégias para torná-lo caminho de libertação foi transformar espectadores em “espectadores”, capazes de interferir e mudar o curso de uma cena.

idadismo com a partilha de saberes e leituras de materiais pré-selecionados. Por fim, foi realizado um jogo em que as idosas deveriam decidir se algumas frases, tais como “*Ela nem parece velha, continua linda*”, eram idadistas, ambíguas ou se não apresentavam cunho preconceituoso.

Como esse exemplo sugere, o trabalho ético-responsável realizado com as idosas não as objetifica. Pelo contrário, o saber sobre idadismo é realizado colaborativamente, a partir de suas vivências, *com e na* linguagem. Os participantes do Observatório do Idadismo destacam o posicionamento firme de enfrentamento das idosas que questionaram durante a *construção crítica de generalizações* acerca de uma das frases avaliadas: “*Quer dizer que só é linda quem não parece velha?*”.

Embora a atividade realizada não tenha culminado diretamente em uma ação na *prática de mudança social* (em virtude, sobretudo, do tempo), não nos deixa dúvida o impacto que esse encontro teve nas vidas dos participantes do Observatório do Idadismo que *aprenderam* ao vivenciarem a força de enfrentamento e engajamento das idosas nas duas encenações e nas reflexões que se seguiram. Por outro lado, as participantes da roda de conversa tiveram a oportunidade de expandir sua compreensão acerca do idadismo e seu repertório de enfrentamento.

Essa experiência, vivenciada por meio de atividade extensionista, assim como as experiências no CCA, são potentes porque se fundamentam, como procuramos mostrar no trabalho *com e na* linguagem, na “vida que se vive” de maneira ético-responsável, de maneira não-mecânica ou normalizadora. Pelo contrário, na totalidade do ato, que “é verdadeiramente real, participa do existir-evento; só assim é vivo, pleno e irredutivelmente, existe, vem a ser, se realiza” (BAKHTIN, 2010, p. 43).

Considerações finais

Este artigo buscou defender que as extensões universitárias podem ser espaços privilegiados para uma formação ético-responsável em linguagem, uma vez que não se descaracterize a natureza bidirecional e engajada das atividades extensionistas, sua unicidade dialógica, tanto na relação entre discentes e docentes quanto na relação entre universidade e a comunidade que lhe é externa e, ao mesmo tempo, constitutiva. Optamos por apresentar duas propostas diferentes de extensões que trabalham *com e na* linguagem, buscando ampliar diálogos, cada uma a seu modo, sem deixar de, de dentro de uma posição ético-responsável

(BAKHTIN, 2010; PONZIO, 2010), trabalhar na completude de suas dimensões, na tentativa constante de superar os assistencialismos que objetificam, comuns nos campos da saúde e da educação.

Ao longo da história de desenvolvimento da área de Neurolinguística e do CCA, muitos artigos, em diferentes campos do saber, foram desenvolvidos para mostrar o trabalho realizado pelos sujeitos com afasia e uma clínica capaz de criar possibilidades para que os sujeitos possam se reorganizar linguisticamente, cognitivamente e socialmente. Além de possibilitar o trabalho de reorganização da linguagem dos sujeitos com afasia, o CCA constitui-se, portanto, em espaço de produção científica e de formação no campo dos estudos linguísticos, seja de futuros professores, fonoaudiólogos ou pesquisadores de campos que se interrelacionam com questões ligadas à linguagem e ao seu funcionamento. A partir de bases teóricas semelhantes, o Observatório de Idadismo vem buscando seguir o mesmo caminho interdisciplinar no trabalho *com e na* linguagem, necessário para uma formação compartilhada de docentes e discentes.

Em tempos de integração das extensões na matriz curricular dos cursos de graduação, será necessário encarar os desafios de uma formação que pouco considera, ainda, o engajamento estudantil, a ação cidadã e o papel da universidade na superação das desigualdades e dos mecanismos de exclusão que estão no cerne da história brasileira. A esse respeito, a epígrafe da política nacional de extensão universitária (FORPROEX, 2012) destaca a força das extensões como resistência à submissão da universidade ao capitalismo global, dado seu papel ativo na construção da coesão social, no fortalecimento da democracia, da diversidade cultural, e do aumento do acesso aos saberes produzidos pela universidade como caminho de combate à exclusão social e à degradação ambiental.

Contudo, devemos reconhecer que, a despeito da presença da extensão no tripé da universidade, ainda há um longo caminho a ser percorrido para o seu reconhecimento institucional, mas acreditamos que experiências dialógicas e ético-responsáveis como as brevemente discutidas neste trabalho, apesar de suas limitações, podem continuar possibilitando a formação de profissionais comprometidos com o enfrentamento de opressões, injustiças e preconceitos que operam por meio da linguagem.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos, SP: Editora Pedro e João, 2010.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Editora 34, 2019 [1975].
- COUDRY, M. I. H. 10 anos de Neurolinguística no IEL. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 32, n. 1, p. 9-23, jan./jun. 1997. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636945/4667>. Acesso em: 29 out. 2022.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988 [1986].
- FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. [S. l.]: FORPROEX, 2012.
- FRANCHI, C. **Linguagem: atividade constitutiva: teoria e poesia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 [1977].
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**, São Paulo: Cultrix, 1981.
- LIBERALI, F. C. *et al.* Teatro do oprimido e direitos humanos: estratégia pedagógica para a (trans)formação. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 232–252. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/40905> Acesso em: 29 out. 2022.
- LIBERALI, F. C. Multiletramento engajado para a prática do bem viver. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, v. 22, n. 1, p. 125-145, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/KmYMbTKgh4MLvKvqMBMCQRk/?lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2022.
- MAZUCHELLI, L. P. *et al.* Discursos sobre os idosos, desigualdade social e os efeitos das medidas de distanciamento social em tempos de Covid-19. **Saúde e Sociedade**, [S. l.], v. 30, n. 3, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/dkJwsGRvFs3tqC75gRkczxc/?lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2022.
- MAZUCHELLI, L. P. **Stereotypes and Representations: discourses on and in ag(e)ing**. Orientadora: Rosana do Carmo Novaes-Pinto. 2019. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/163757.7> Acesso em: 29 out. 2022.

MORATO, E. O interacionismo no campo linguístico. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2004.

MORATO, E. Rotinas significativas e práticas discursivas: relato de experiência de um Centro de Convivência de Afásicos. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 157-165, jun. 1999. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11154/23683>. Acesso em: 29 out. 2022.

NETO, J. F. de M. **Extensão Popular**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

NEW LONDON GROUP. The Pedagogy of Multiliteracies: Designing social futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, n. 1, p. 60-92, 2000 [1996]. Disponível em: http://newarcproject.pbworks.com/f/Pedagogy+of+Multiliteracies_New+London+Group.pdf. Acesso em: 29 out. 2022.

NOVAES-PINTO, R. **Centro de Convivência de Afásicos (CCA): o trabalho com a linguagem por uma equipe multidisciplinar e seus efeitos terapêuticos**. Projeto de Extensão (PEC/PREAC). Campinas, SP: UNICAMP, 2015.

NOVAES-PINTO, R. do C. A social cultural-approach to aphasia: contributions from the work developed at a center for aphasic subjects. *In*: TAN, Ú. (ed.). **Latest Findings in Intellectual and Developmental Disabilities Research**. Croatia: [s. n.], 2012. Disponível em: <https://www.intechopen.com/chapters/28165>. Acesso em: 29 out. 2022.

NOVAES-PINTO, R. do C. Preconceito linguístico e exclusão social nas chamadas patologias de linguagem. **Acesso do Averso: Revista de Educação**, Araçatuba, SP, v. 5, n. 5, p. 8-36, 2008. Disponível em: https://feata.edu.br/downloads/revistas/avessodoavesso/v6_artigo01_preconceito.pdf. Acesso em: 29 out. 2022.

NOVAES-PINTO, R. do C.; LIMA, A. R. Centro de Convivência de Afásicos (CCA): o trabalho com a linguagem em uma perspectiva interdisciplinar. *In*: CONGRESSO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO LATINA DE ANÁLISE DE SISTEMAS DE SAÚDE, 27., 2016, Brasília. **Actas CALASS**. Brasília: Ed. ALASS. v. 1, n. 1, p. 1-10, 2016.

OLIVEIRA, M. V. B. **Palavras na ponta-da-língua: uma abordagem neurolinguística**. (Séria na branca; 5). São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2022. *E-Book*. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/palavras-na-ponta-da-lingua-uma-abordagem-neurolinguistica/>. Acesso em: 29 out. 2022.

OLIVEIRA, M. V. B.; MAZUCHELLI, L. P. Responsabilidade intergeracional e pandemia de Covid-19. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 16, n. 4, p. 29-52, dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/VRrbSWKGSdGS7NW36BXCxC/?lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2022.

PONZIO, A. A concepção bakhtiniana de ato como dar um passo. *In*: BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**, 2010.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico, São Paulo: Ed. 34, 2018.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Gostaríamos de agradecer aos participantes do Centro de Convivência de Afásicos, aos integrantes do Observatório do Idadismo e do Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias, em especial à Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes-Pinto por sua inestimável generosidade e escuta.

Financiamento: Agradecemos à CAPES pelo apoio à publicação científica, assim como ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão Universitária da Universidade Federal da Bahia pela possibilidade de vincular bolsistas na modalidade extensão ao Observatório do Idadismo.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: Como se trata de uma discussão fundamentada na experiência dos autores, este trabalho se enquadra no Inciso VII e VIII do Art. 1º da Resolução nº 510 de 07/04/2016.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais do Observatório do Idadismo estão disponíveis em suas redes sociais. Os dados e materiais do Centro de Convivência de Afásico fazem parte de registros dos autores.

Contribuições dos autores: Ambos autores participaram da concepção, planejamento, interpretação dos dados, redação, revisão e aprovação da versão final.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

